

Exmo. Senhor
Presidente da Comissão de Educação e Ciência
Deputado Alexandre Quintanilha

No seguimento do solicitado por V. Exas., quanto ao Plano de Recuperação das Aprendizagens compete-nos dizer o seguinte:

Entendemos, desconhecemos que tenha sido feito, que deveria ter sido efetuado um estudo pós pandemia para perceber com acuidade o impacte da pandemia nas crianças e jovens ao nível da saúde mental e física e, conseqüentemente da decisão de um programa assertivo e pertinente na melhoria e reforço das aprendizagens bem como do seu bem-estar físico e emocional.

Só assim se poderia concluir das reais necessidades perante as dificuldades concretas que se foram manifestando ao longo da pandemia, desde o acesso aos meios tecnológicos até à organização das escolas para conseguir ministrar o curriculum adequado a cada turma e a cada criança ou jovem. Muito se conseguiu, mas, como se reconheceu, foi preciso e é preciso conseguir colmatar o muito que não foi possível conseguir.

Temos a perceção de que apesar do esforço efetuado durante a pandemia por muitos profissionais da educação e por muitas famílias, muito ficou por fazer no que diz respeito às aprendizagens aumentando as desigualdades entre quem pode mais e quem pode menos. O elevador social que todos queremos que a Escola seja ficou a funcionar pior e nalguns casos não funcionou mesmo, agravando as desigualdades nas aprendizagens e potenciando os riscos do desenvolvimento saudável das crianças e dos jovens, bem como afetou de forma incisiva a saúde emocional de toda a comunidade escolar.

Assim, a CONFAP não tem dúvidas de que se impunha (impõe-se) um Plano de Recuperação, das Aprendizagens e não só.

Pelo que podemos observar e pelo que nos tem chegado através dos nossos associados, de Pais e Professores, o Plano de Recuperação das Aprendizagens não está a funcionar, ou melhor dito, não está a ser perceptível que se estejam a obter os resultados pretendidos, e se alguma melhoria existe ela é pontual. Julgamos que tal se deve ao desajustamento dos Planos face às necessidades reais de cada aluno ou de cada Escola. Não descuidamos que tal perceção também pode advir da falta de comunicação entre a Escola e as famílias, pois um dos fatores que consideramos fundamental para que este Plano resulte, como sempre afirmamos para o “sucesso” educativo, é o envolvimento e a participação parental.

De igual modo sabemos que há Escolas que têm feito o possível na tentativa de encontrar a melhor estratégia para ajudar a melhorar os processos.

Cientes de todas as dificuldades e da complexidade que a questão encerra, de toda a diversidade de situações no impacte negativo durante a pandemia como nas condições díspares de recuperação e sobretudo conscientes de que alguns efeitos sentidos podem ser intemporais e não se compadecem com a rigidez de prazos, a CONFAP concorda com o prolongamento do programa. Mas é preciso ir mais longe, é preciso repensar o Plano e envolver a comunidade, desde logo a família.

Note-se no tempo (ano letivo 2022/2023) em que era indispensável conjugar esforços para mitigar e, tanto quanto possível, eliminar os efeitos nefastos da pandemia, surgem outros fatores, endógenos e persistentes na educação, paradoxalmente menos sentidos nos anos de pandemia, como a falta de professores e as greves nas escolas ao longo de todo o ano, o que não só prejudicou seriamente o plano de recuperação das aprendizagens como, pelo contrário, intensificou os efeitos da pandemia nas aprendizagens, agora com o agravamento de que ampliou as desigualdades, desde logo entre a Escola pública e o sistema de ensino particular.

Ou seja, o Plano de Recuperação não teve o mínimo de condições para almejar os objetivos pretendidos e numa boa parte das situações, como dissemos atrás, não teve qualquer efeito, pelo que se impõe a sua reavaliação, o levantamento das necessidades curriculares, sociais e

de saúde e a implementação de medidas para o tornar consequente e eficaz, garantindo os meios e os recursos adequados.

Note-se que já são quatro anos sem que a educação viva um clima de tranquilidade e de estabilidade para poder cumprir em pleno a sua missão. Muitas crianças, nomeadamente do primeiro ciclo, ainda não tiveram a oportunidade de conhecer a verdadeira Escola, e só não são mais as que já se perderam porque têm a sorte de ter uma Família ou porque têm a sorte de ter professores que também são (sua) Família.

Melhores cumprimentos
O CE da CONFAP



CONFAP - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE PAIS

Rua Carlos José Barreiros, n.º 16 Cave | 1000-088 LISBOA

www.confap.pt | geral@confap.pt